

# RPM E PORTUGAL: UM MOMENTO NOVO

259  
Aquino

Notícias 5/10/83

## — Primeiro-Ministro português, Mário Soares

por Aquino de Bragança e Carlos Cardoso

Mozambique e Portugal «estão a viver um momento novo» na história do seu relacionamento, declarou o Primeiro-Ministro de Portugal, Mário Soares, numa entrevista concedida a Aquino de Bragança e Carlos Cardoso para a AIM. Participaram tam-

— **AIM** — Senhor Primeiro-Ministro, acha que estão enterrados todos os contenciosos entre Moçambique e Portugal e que os dois países vivem agora o início de uma nova fase no seu relacionamento?

— **MÁRIO SOARES** — Estão completamente enterrados todos os contenciosos entre a República Popular de Moçambique e Portugal. Isso é um facto. Nós estamos a viver um momento novo. Virámos uma página. A circunstância da visita do Senhor Presidente Samora Machel a Portugal, que é um acontecimento histórico da maior relevância para os dois países, é bem a demonstração de que tudo vai começar de novo e que de ambos os lados há a vontade política de envolver a nosso relacionamento na nossa amizade.

— **AIM** — O Senhor Primeiro-Ministro foi uma das pessoas que acompanhou o desenvolvimento das relações entre Moçambique e Portugal desde Lisboa em 1974. Nessa qualidade como político estas relações?

— **MÁRIO SOARES** — Recentemente, estive intimamente ligado a um dos responsáveis do impulso inicial que foi dado à descolonização e estive presente em Lusaka. Nessa altura, eu era Ministro dos Negócios Estrangeiros. De hoje disso, houve dificuldades. Depois é fenómeno da independência. Eu tive a honra de assistir às festas da independência em Moçambique, e agora não posso deixar de me congratular com a circunstância de, passado alguns anos que para a história dos povos são anos curtos, com o bom ambiente que existe no nosso relacionamento. Apesar de terem passado poucos anos parece-nos que já estamos a anos-luz de distância desse tempo, e, portanto, eu congratulo-me muito com o relacionamento de amizade e desejo de ultrapassar quaisquer divergências e de nos encontrarmos na obra comum de aprofundamento da nossa amizade. Isso, para mim, é motivo de grande satisfação.

— **AIM** — Senhor Primeiro-Ministro, é a posição do seu governo face ao apartheid na África do Sul?

— **MÁRIO SOARES** — Como sabem, desde sempre eu condenei o «apartheid» e considero que a posição do Governo português não é ambígua nessa matéria. Nas esteiras das resoluções aprovadas nas Nações Unidas, nós sempre condenamos o regime do «apartheid» por o considerarmos perfeitamente desumano e impróprio do nosso tempo.

— **AIM** — Não obstante isso, nós temos relações normais com a República da África do Sul. Essas relações derivam, em primeiro lugar, de um relacionamento que vem de há muitos anos e, em segundo lugar, da circunstância, que não podemos esquecer, de haver cerca de 600 mil portugueses na África do Sul. Mas, evidentemente, que este relacionamento bom que existe entre Portugal e a África do Sul não é antagónico com a circunstância de nós termos votado sempre nas Nações Unidas contra o «apartheid», de acordo, aliás,

com os valores democráticos que formam o Estado português.

— **AIM** — Senhor Primeiro-Ministro, o seu governo está decidido a tomar parte na procura de uma solução para a questão da Namíbia?

— **MÁRIO SOARES** — Está decidido. O Governo português não se impõe, evidentemente, num problema tão complexo como é o da Namíbia. Temos o conhecimento perfeito da complexidade e das dificuldades que se impõem para encontrar uma solução para a Namíbia.

Recentemente, tive ocasião de falar com o Secretário-Geral das Na-



Mário Soares, Primeiro-Ministro português

ções Unidas, após a visita que ele efectuou à Namíbia, África do Sul e Angola. Portanto, estamos a par da complexidade dos problemas e das dificuldades que existem.

Portugal tem uma posição que é clara. Nesta matéria acompanhamos as resoluções, que têm sido aprovadas nas Nações Unidas e, sem nos querermos impor e sem sobervalorizarmos a nossa posição nessa área do globo, nós pensamos que, dado o conhecimento que temos dos locais e das pessoas, podemos exercer uma tarefa útil. E estamos dispostos a exercê-la na medida em que nos for solicitada pelas partes directamente interessadas.

— **AIM** — Como vê, Senhor Primeiro-Ministro, a participação dos países da Linha da Frente na procura de uma solução para a situação na África Austral?

— **MÁRIO SOARES** — Vejo a posição dos países da Linha da Frente com simpatia, mas, numa abordagem pragmática e realista dessa situação, tenho que reconhecer que não tem havido grandes progressos nas propostas apresentadas pelos países da Linha da Frente. Eu penso que é preciso abordar essa situação, que é difícil e para a não deixar deteriorar mais, com um grande sentido de pragmatismo, com grande realismo e com uma preocupação fundamental de eficácia, o que, obviamente, exclui as posições rígidas de tipo ideoló-

bém na entrevista, Laíse Vasconcelos, Director-Geral do Rádio Moçambique e Eugénio Corte Real, Delegado da AIM, em Lisboa.

gico e posições estreitas e sectárias.

— **AIM** — O Senhor Primeiro-Ministro é um dos dirigentes prestigiados da Internacional Socialista de que o seu Partido é membro. Acha que os seus contactos com o Presidente Samora Machel e o avanço das relações entre Moçambique e Portugal poderão levar a Internacional Socialista a uma posição combativa no Sul do Continente Africano?

— **MÁRIO SOARES** — Quero distinguir três aspectos. Em primeiro lugar, há as relações entre Portugal e Moçambique; em segundo lugar, há as relações pessoais entre o Presidente de Moçambique, que é o Presidente Samora Machel, e o Primeiro-Ministro de Portugal, que neste momento sou eu. Um terceiro problema é a posição que eu tenho na Internacional Socialista, como Vice-Presidente, e a abordagem que a Internacional Socialista, como fórum dos partidos socialistas, democratas e socialistas do Mundo, têm em relação a toda a temática da África Austral. São, portanto, três problemas diferentes que devem ser separados.

Em todo o caso, há uma interpenetração entre eles, como é evidente. Eu penso que a Internacional Socialista pode, e penso ser esse também o pensamento dos líderes africanos, desempenhar um papel importante visto que alguns dos principais partidos da Internacional Socialista, que se reclamam do socialismo democrático, são partidos com responsabilidades de governo, como é o caso da Espanha, Portugal, França, Itália, Suécia e Austrália, para só citar alguns países europeus. Há outros que, não tendo responsabilidades de governo neste momento, têm um grande peso na opinião pública internacional, como, exemplo, o partido Trabalhista Inglês, o Partido Social-Democrata Alemão, e Partido da Nova Democracia do Canadá, para só mencionar alguns. Portanto, penso que a Internacional Socialista é um movimento com um grande peso na cena internacional e na opinião pública mundial. O facto de a Internacional Socialista querer dialogar com os movimentos e partidos africanos e tentar encontrar uma solução democrática, mas ao mesmo tempo uma solução que tome em conta o direito dos povos de dispor deles próprios, o facto de a Internacional Socialista querer dialogar com esses povos é, penso, uma boa coisa e pode de alguma maneira servir de correctivo do jogo e lutas entre as superpotências que tendem a criar condicionaisismos graves para esses povos, alguns dos quais acederam a independência há poucos anos. Isto, portanto, no plano da Internacional Socialista.

Está projectada, creio que para Janeiro próximo, uma reunião da Internacional Socialista em Arusha. Eu tenho acarinhado essa ideia, tenho-a impulsionado, e, na medida das minhas disponibilidades de tempo e das minhas obrigações no plano interno português, tenciono participar activamente nessa reunião e, portanto, o diálogo que eu agora tiver com

o Presidente Samora Machel também tem importância nesse plano.

— **AIM** — Mas, obviamente, que a visita do Presidente Samora Machel a Portugal é o relacionamento entre os dois Estados, e no plano até mais largo da movimentação internacional e em relação a outros países, tem muito mais importância do que propriamente a Internacional Socialista, embora, no plano da opinião pública mundial, a Internacional Socialista possa ajudar muito.

— **AIM** — O Senhor Primeiro-Ministro cre que há hoje no seu país um consenso nacional no que toca o relacionamento com Moçambique? Existe alguma diferença entre o seu Governo e a Presidência da República neste domínio?

— **MÁRIO SOARES** — Existe efectivamente um grande consenso nacional em relação à política africana. Nós, socialistas, sempre temos defendido que a política africana é algo que transcende as posições partidárias. Temos defendido isso e hoje a política que este governo defendeu em relação à África, e nomeadamente em relação à África do Sul, oficial política, é política que eu suponho se pode reclamar de um grande apoio nacional que transcende muito os partidos que apoiam o actual governo.

— **AIM** — Tem-se especulado muito relativamente a divergências e não nego que tem havido algumas — entre o Presidente da República e o Governo, ou entre o Presidente da República e o Primeiro-Ministro e o Vice-Primeiro-Ministro, isso é normal visto que nós temos em Portugal um sistema pluralista que se baseia na divisão dos poderes e consideramos que, em Portugal, acima de tudo, deve respeitarse a solidariedade institucional. Portanto, nós não consideramos que seja grave que haja, em relação a questões concretas da política, propostas diferentes formuladas por diferentes órgãos de soberania. Mas, relativamente, à política africana não há.

— **AIM** — Relativamente à política africana e ao relacionamento com Moçambique, existe uma grande unanimidade na Nação portuguesa. Obviamente há pessoas que estiveram muito tempo em Moçambique e que ainda hoje estão traumatizadas e têm ressentimentos, pela maneira como se processou o seu regresso a Portugal. Não desconhecemos esse facto. É uma realidade, isso existe. Mas o que posso dizer é que, no plano geral da opinião pública portuguesa e dos partidos políticos, existe um amplo consenso na política de aprofundamento de boas relações com África de expressão portuguesa e, em especial, com Moçambique. No quadro da Assembleia da República, do governo existe esse consenso que é expresso, ao seu mais alto nível, pelo Presidente da República que é garante da constituição e das instituições democráticas.

— **AIM** — Antes da formação do seu governo, o Senhor Primeiro-Ministro visitou os Estados Unidos da Amé-

rica, onde se encontrou com o Presidente Ronald Reagan. Mais recentemente, esteve em Portugal o sub-secretário de Estado norte-americano, Chester Crocker, que se avisou consigo. Pode adiantar algo sobre esses contactos que diga respeito à África Austral e, mais especificamente, a Moçambique?

— **MÁRIO SOARES** — Quando visitei os Estados Unidos tive um encontro com o Presidente Reagan, antes das eleições e da formação do actual governo. Foi na qualidade de Secretário-Geral do Partido Socialista e de líder da oposição do Governo de então, chefiado pelo Doutor Pinto Balsemão. Foi também na minha qualidade de Vice-Presidente da Internacional Socialista.

— **AIM** — Sucedida que, na Internacional Socialista, eu tinha dois pelouros, duas responsabilidades; uma em relação à América Central — relacionada com a situação explosiva em El Salvador, na Nicarágua, nas Honduras, outra em relação ao Médio Oriente. Eu presidira a uma comissão da Internacional Socialista para seguir os acontecimentos no Médio Oriente, o que me levou a deslocar-me por três vezes seguidas a este continente, onde conversei com líderes políticos da área, como o presidente Gemayel, passando por Bagdá, Assad e, para acabar, em Amã. Portanto, quando fui para os Estados Unidos era natural que o Presidente Reagan quisesse falar comigo. Em primeiro lugar, em relação às questões bilaterais, que são as que Portugal e os Estados Unidos Partencemos ambos à América Latina, somos aliados e amigos. Temos problemas comuns como são a existência da Base das Lajes, Açores, e outros problemas em concreto que era útil serem tratados. Mas, ao mesmo tempo, como sou Vice-Presidente da Internacional Socialista e me ocupei dessas duas áreas, naturalmente que me quis ouvir também sobre os problemas da América Latina, do Médio Oriente e também da África Austral, mas num sentido global, das relações globais, e nunca em relação a um país concreto e muito menos em relação a Moçambique, visto que eu não tinha que tratar de problemas de Moçambique com os americanos. Esses problemas tratam-se entre Portugal e Moçambique.

— **AIM** — Quanto a Chester Crocker, ele veio a Portugal nas vésperas da visita do Presidente da República Portuguesa aos Estados Unidos. Portanto, foi no quadro dessa visita que se desenvolveram também as minhas conversações com Chester Crocker. Mas não houve nada de concreto em relação a Moçambique, e, em b.o.a., como é óbvio, nós também poderíamos ter dado a opinião, ter trocado opiniões sobre a situação e a problemática que se vive hoje em toda a África Austral, os problemas da Namíbia, de Angola que são muitos, a situação em Moçambique e outros. Trocámos impressões acerca disso, tanto mais que, nas vésperas da chegada do Senhor Crocker, também chegou a Lisboa, vindo de Moçambique, onde teve uma recepção muito calorosa e onde foi recebido pelo Presidente Samora Machel, o Ministro de Estado, Almeida Santos.